

# Da masculinidade hegemônica às sexualidades dissidentes<sup>1</sup>

Marion Minerbo,<sup>2</sup> São Paulo

Resumo: A autora busca compreender, de um ponto de vista psicanalítico, as transformações socioculturais que levaram ao declínio do patriarcado e ao surgimento das sexualidades dissidentes. Na primeira parte do texto, aborda o processo de subjetivação masculina pautado pela norma falocêntrica. O tema é tratado a partir da fantasia de virilidade, do patriarcado, do machismo estrutural e do embrutecimento fálico. Os impasses da condição masculina são ilustrados com a autoficção de Édouard Louis. Na segunda parte, a autora desenvolve a hipótese de que os movimentos feministas, antirracistas e LGBTQIA+ produziram um efeito disruptivo/analítico em relação ao campo da masculinidade hegemônica graças à visibilidade dos corpos dissidentes. A saída coletiva do que nomeia O Grande Armário da História desestabilizou os pressupostos simbólicos que sustentavam o patriarcado, revelando a arbitrariedade da norma heterossexual. Formas de gozo até então proscritas, e relegadas à periferia do sistema, retornam, em vórtice, como representações possíveis, gerando “o tumulto das diferenças”.

Palavras-chave: masculinidade hegemônica, patriarcado, machismo estrutural, visibilidade dos corpos dissidentes, sexualidades dissidentes

## Introdução

Em *O homem justo: do patriarcado às novas masculinidades* (2020), Ivan Jablonka faz uma extensa historiografia da dominação masculina, desde o advento das sociedades agrícolas, no período Neolítico, até hoje. Cada época e lugar teve sua forma do que chamamos hoje de masculinidade hegemônica (Connell, 1995). A norma falocêntrica justificada pela biologia e reproduzida pelas instituições era inquestionável. Mesmo a psicanálise, que rompeu esse paradigma ao falar em sexualidade perverso-polimorfa, psicosssexualidade e bissexualidade psíquica, demorou para formular a subjetivação masculina como uma questão.

1 Agradeço a Vinícius Lima pela generosa interlocução ao longo das várias versões deste texto. Ele me acompanhou no meu esforço de “traduzir” – certamente com imprecisões, pelas quais me responsabilizo – alguns conceitos do intrincado léxico lacaniano para uma linguagem e referências que me são mais familiares. Agradeço também a Gabriel Gualtieri, Isabel Lobato Botter, Luciana Botter, Marilsa Taffarel, Daniel Delouya e Susana Muszkat pela leitura atenta e pelas sugestões valiosas.

2 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

O que teria tornado possível, em relativamente pouco tempo, as profundas transformações no campo da masculinidade hegemônica? Outras disciplinas vêm oferecendo aportes significativos a essa questão. O que a psicanálise poderia acrescentar a esse tema? É o que pretendo desenvolver nas duas partes que compõem este texto.

Na primeira parte, procuro abordar e ilustrar a lógica simbólica que determina a forma de ser homem vista como hegemônica na civilização ocidental. O que todo homem tem de fazer para se ver e ser visto como “homem de verdade”? E o que todo homem não pode fazer de jeito nenhum, sob pena de deixar de se ver e de ser visto como “homem de verdade”? Quais as consequências disso, tanto para sua vida como para a de quem convive com ele?

Na segunda parte, proponho uma contribuição à compreensão do que teria produzido o “tumulto das diferenças”, tema do 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Desenvolvo a hipótese de que a lenta mas progressiva visibilidade dos corpos dissidentes produziu um efeito disruptivo no campo da masculinidade hegemônica, levando ao desvelamento e à desestabilização dos pressupostos inconscientes que sustentam o patriarcado. Seu declínio precipitou a emergência das sexualidades dissidentes, termo que designa todas as construções de gênero e de orientação sexual que não se encaixam e/ou questionam a norma heterossexual.

## A masculinidade hegemônica

No livro *O segundo sexo*, publicado em 1949, Simone de Beauvoir escreveu: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1949/1967, p. 9). Aos poucos, fomos descobrindo que a máxima também vale para o “primeiro sexo” – ninguém nasce homem: torna-se homem. Como, então, alguém se torna homem segundo o modelo normativo e valorizado da masculinidade<sup>3</sup> na civilização ocidental?

Um recorte possível – e que usamos na clínica – privilegia o psiquismo individual, aborda as identificações ligadas ao narcisismo e ao Édipo, bem como a internalização das representações da masculinidade por meio do ideal do ego e do superego. Como exemplo dessas representações, temos “homem não chora” ou “homem não leva desaforo para casa”.

Caberia, contudo, perguntar: afinal, por que homem não chora? Por que homem não leva desaforo para casa? De onde vêm essas representações? Para responder a essas questões, e para abordar o tema a que me propus – da masculinidade hegemônica às sexualidades dissidentes –, precisamos de um

3 Além da masculinidade hegemônica, Connell (1995) reconhece a masculinidade cúmplice, subordinada e marginalizada.

recorte que tome em consideração os sistemas e as lógicas simbólicas inconscientes no seio dos quais nos subjetivamos. Em seus estudos sobre as masculinidades, Vinícius Lima (2022, 2024) tem se dedicado a mapear, com base no referencial lacaniano, as lógicas simbólicas inconscientes que determinam tais representações. Nesse plano, é possível entender de que maneira o patriarcado e o machismo estrutural determinam, ainda que de forma incompleta, o que ele chama de sexuação masculina hegemônica.

### Virilidade: o macho

Pedro Ambra (2015; Café Filosófico CPFL, 2025),<sup>4</sup> outro colega de orientação lacaniana que estuda as masculinidades, afirma não haver uma essência masculina natural, mas sim discursos que constituem identidades. A masculinidade é vista como uma invenção social, moldada por relações e estruturas históricas e culturais.

Assim, voltando às mencionadas representações da masculinidade (homem não chora, não leva desaforo para casa), cabe perguntar quais seriam as dinâmicas inconscientes dominantes que tornam *quase impossível* a um “homem de verdade” se expressar através do choro, e que tornam não só *possível como até necessário* que ele se expresse, por exemplo, por meio da dominação ou da violência.

Em *Psicanálise e masculinidades*, Vinícius Lima procura reconhecer de que maneira “as dinâmicas heteronormativas buscam ditar o modo como ‘todo homem’ deveria ser a partir da exclusão daquilo que *não se deve ser*” (2022, p. 42). Esse tipo de masculinidade se define, pois, tanto por uma *negatividade*, isto é, pela recusa de tudo que, nessa lógica, é visto como feminino, quanto por uma *positividade*. Com esse termo – e parafraseando a velha questão “O que quer uma mulher?” –, eu me refiro à possibilidade de *afirmar* algo sobre o que *quer o macho*.

De acordo com o autor, essa forma de masculinidade aspira à *virilidade ideal* e, para isso, precisa ocultar ou recusar tudo o que se afasta dessa posição. Em *Totem e tabu* (1913/2012), Freud afirma que o pai da horda desfruta do privilégio do gozo absoluto, aquele que não está submetido a qualquer tipo de limitação. Esse gozo seria ilimitado não só no sentido sexual – o pai da horda possui todas as mulheres ao seu bel-prazer – como também em relação ao poder. Exercer o poder absoluto sobre mulheres e homens “dá barato”, e é parte essencial do gozo atribuído à virilidade à qual o macho aspira.

Ainda segundo Vinícius Lima, a virilidade ideal desfrutaria do privilégio de ser uma *exceção à castração*, entendida como limitação humana ao gozo

4 Devo essa indicação a Bruna Zerbinatti.

absoluto. Trata-se de uma virilidade mítica, que só existe na fantasia do aspirante a macho. Apesar disso, produz efeitos concretos. Como ilustração, apresento uma cena extraída do livro *O desabamento* (2025), do escritor Édouard Louis. Ele conta a história do seu irmão mais velho, que morreu destruído pelo álcool aos 38 anos.

O irmão desempregado entra na cozinha onde a família está reunida e, animado, diz que vai começar a trabalhar num açougue. Estende um pedaço de papel para o pai, que dá uma olhada e começa gargalhar.

– TÁ QUERENDO ME FAZER DE OTÁRIO? Acha que vou acreditar num fracassado, num inútil como você, que nunca conseguiu nada na vida? Acha que vou acreditar em você só porque me trouxe um pedaço de papel? Acha que sou idiota, ou o quê? Acha que não sei distinguir um pedaço de papel de embrulho e um contrato de trabalho? Vai, cai fora. – E voltou a assistir televisão.

Meu pai estava enganado. Na hora, não dava para ter certeza, mas ele ia mesmo começar a trabalhar no açougue na semana seguinte.

Essa cena é uma caricatura. Ainda que bem mais sutis do que essa, o que torna possíveis tantas cenas de dominação masculina? Para além das condições psíquicas individuais, é preciso considerar o machismo estrutural, “braço armado” do patriarcado (Marcia Tiburi | Filosofia em Comum, 2023). Por se infiltrar nas instituições em que nos subjetivamos (família, escola, trabalho, religião etc.), cenas de dominação masculina, ainda que menos brutais, parecem naturais para muitos homens e mulheres. O que a psicanálise pode dizer sobre o patriarcado?

### ○ patriarcado e suas significações operantes

Para Castoriadis (1982), as instituições são construções sociais e históricas que resultam da capacidade humana de criar significações imaginárias a partir do que ele chama de *imaginário radical*.

O imaginário radical é a potência criadora de novas significações, o magma criativo dos possíveis, tanto em nível individual (o “lugar” de onde o artista, o pensador e o cientista tiram ideias inovadoras) quanto em nível coletivo (a sociedade e suas instituições). É o que permite a invenção de novas formas de pensar, de agir e de organizar a vida. Ele possibilita a emergência de ideias que antes não existiam e que, uma vez existindo, passam a moldar as instituições e a sociedade. O imaginário radical determina as formas históricas que as organizações sociais foram assumindo ao longo dos séculos.

As instituições nascem, pois, da capacidade humana de criar e sustentar significações imaginárias em nível coletivo. Com base nessas ideias, creio poder afirmar que patriarcado é o nome da instituição que nasce quando, do magma dos possíveis, emerge a significação “pênis = mais valor”. Segundo Derrida (1967/2011),<sup>5</sup> a linguagem com a qual apreendemos o mundo é estruturada por oposições binárias, com valorização do primeiro termo em detrimento do segundo (alto/baixo, luz/sombra, grande/pequeno, bom/mau, ter/não ter etc.). Nessa estrutura binária, “ter pênis = mais valor”, e “não ter pênis = menos valor”. A ênfase recairia, então, mais sobre a oposição ter/não ter do que sobre o pênis.

Fica aqui como hipótese a ideia de que as teorias sexuais infantis, pautadas pela lógica binária ter/não ter, e que designamos fálico/castrado, são determinadas, até certo ponto, pela própria estrutura da linguagem. Como sabemos a partir da nossa clínica, sair da lógica binária (esquizoparanóide) é sempre um esforço e uma conquista (frágil).

Para o que nos interessa, uma vez instituídas, as significações que emergem do imaginário radical se tornam o que Castoriadis chama de *significações operantes*. A significação “ter pênis = mais valor” opera empoderando os homens, na medida em que está embutida e implícita no funcionamento das instituições, na linguagem e nos papéis de gênero. Tal equivalência imaginária opera de forma *inconsciente*, moldando, em nível coletivo, nossa subjetividade (o sujeito individual) e a própria organização social (o sujeito social).

Dito de outra forma: por agirem como pano de fundo organizador, tanto da sociedade quanto da nossa vida psíquica, tais significações não são passíveis de crítica ou de questionamento. Elas só se tornam “visíveis” quando a equivalência simbólica que lhes deu origem entra em crise. Como veremos na segunda parte do texto, parece ser o caso do patriarcado.

O conceito de falo é essencial para compreendermos o patriarcado. O referencial lacaniano diferencia falo simbólico de falo imaginário. O primeiro é um conceito complexo cujos múltiplos significados fogem ao escopo deste texto. Para o que me interessa, o falo simbólico seria a matriz simbólica que atribui a qualquer objeto do mundo – por exemplo, o pênis – o significado de “mais valor”. E o falo imaginário é qualquer objeto do mundo – por exemplo, o pênis – que passa a ser vivido por seu possuidor como precioso na exata medida em que essa matriz simbólica (o falo simbólico) lhe confere valor.

A distinção entre falo simbólico e imaginário permite reconhecer que o pênis não se torna precioso por seu valor intrínseco, mas por ter sido investido, imaginariamente, como valioso pela matriz simbólica que faz de qualquer x um objeto valioso. E permite reconhecer também que a ameaça de perder

5 Devo essa referência a Vinícius Lima.

o falo imaginário – qualquer objeto vivido como empoderando o sujeito – produz o que conhecemos por angústia de castração, porque remeteria à temida posição de “menos valor”.

Com base nessas ideias, creio poder afirmar que o patriarcado nasce quando, do imaginário radical, brota a equivalência “pênis = falo imaginário”, de tal modo que “ser dotado de um pênis = valer mais”. Quando essa significação se torna operante, passa a organizar as relações entre os gêneros masculino e feminino, atribuindo-lhes papéis diferenciados e hierárquicos. Está instituída a ordem social falocêntrica. Nesse sentido, possuir um pênis deveria ser, sobretudo para homens brancos, que já desfrutam do poder inerente à branquitude, uma garantia de valer mais do que as mulheres.

Na verdade, a vida se encarrega de mostrar aos homens que essa superioridade não se sustenta. O próprio fato de que o pênis está sujeito à detumescência mostra a fragilidade dessa assunção. A verdade é que possuir um pênis não garante nada, o que, contudo, não é suficiente para invalidar a equivalência “pênis = falo”, pois a ordem simbólica opera precisamente por ser inconsciente.

Assim, embora o edifício do patriarcado tenha como base uma significação imaginária, ela tem efeitos concretos. De um lado, temos o sofrimento de tantos homens que se sentem aquém do ideal. De outro, é inegável que a ilusão de possuir o falo determina, ao menos em algum grau, o empoderamento masculino. É inegável que, ao longo dos séculos, esse empoderamento tornou muitos homens aptos a performar de acordo com os valores da masculinidade hegemônica. O outro lado dessa moeda é o sofrimento pela obrigação de sustentar tal performance.

Como foi dito, apesar das evidências de que possuir um pênis não garante nada, a equivalência “pênis = mais valor” continua valendo, e se reproduz no e pelo machismo estrutural.

### Machismo estrutural

Em *Monique se liberta* (2024), Édouard Louis conta a história de sua mãe. Ela foge de um terceiro casamento, em que, à semelhança dos dois primeiros, o parceiro se tornava violento sob efeito do álcool. Deixando de lado o recorte que privilegiaria o psiquismo individual, não é coincidência que os três tenham um mesmo tipo de comportamento: são manifestações individuais do machismo estrutural. Vejamos como opera sua lógica simbólica na cena já descrita, em que o irmão do narrador conta ao pai que vai trabalhar no açougue:

1) O pai precisa sustentar a posse do falo a qualquer preço. Precisa mostrar que tem mais valor do que o filho para não correr o risco de valer menos. Precisa deixar claro que não é ignorante a ponto de confundir um papel qualquer com um contrato de trabalho. Esse comportamento mostra o PAVOR de ser destituído do falo pelo filho (trabalhar no açougue valeria mais do que trabalhar na fábrica).

2) Ele precisa deixar claro que não vai ser feito de otário, isto é, não vai ser emasculado, rebaixado, desvalorizado “como uma mulherzinha”. Para preservar seu valor, ele rebaixa o do filho. Esse comportamento mostra o PAVOR de ser feminizado por outro homem.

3) As pessoas que estão assistindo à cena não interferem porque também foram subjetivadas pelo patriarcado. Elas também acreditam que o pai de família detém o poder e tem um lugar privilegiado na hierarquia familiar. Tem o direito de se comportar como bem entender e o dever de zelar por sua honra. A família teme sua fúria e acredita que “homem é assim mesmo”.

4) A cena está encharcada de violência. Em seu estudo sobre violência familiar, Susana Muszkat (2006) mostra que essa é uma resposta defensiva diante do “desamparo identitário” masculino. Esse tipo de violência, que pode chegar ao feminicídio, está relacionado ao sofrimento narcísico do homem que não consegue sustentar uma posição viril socialmente valorizada. Em outros termos, a violência masculina é a defesa frente à ameaça de castração – experiência subjetiva de ser destituído do valor que o falo imaginário lhe confere.

O pai de Édouard Louis não se dá conta de um equívoco fundamental. Ele pensa que é o *pater familiae* porque seu pênis lhe confere esse poder. Ele não sabe que o mérito não é desse pedaço de carne. Ele não sabe que o pênis não valeria grande coisa se o patriarcado não lhe outorgasse o valor de falo. Não sabe que o lugar de *pater familiae*, que ele toma como evidente, é uma invenção do patriarcado. Não sabe que a violência não provém de seu poder, mas de sua impotência. Não sabe que sofre por sua condição social, que não lhe dá nenhum poder além da brutalidade com que comanda a família.

Ele também não sabe que é vítima do que Vinícius Lima chama de “engodo viril” (2024, pp. 45 e 367). Como ele acredita e aspira à virilidade perfeita, sofre porque pensa que seria *menos homem* se aceitasse a castração. Mas é o oposto disso! Imaginem o alívio que ele sentiria (e, por tabela, a família) se pudesse aceitar que não passou a vida na fábrica por falta de valor, mas por falta de opções. E que, se o filho pudesse se abrir para outras carreiras, isso poderia ser motivo de orgulho, e não de humilhação. Talvez entendesse que seu sofrimento não advém, como pensa, de ser menos homem, mas das limitações reais de sua inserção social.

Como se vê, o machismo estrutural determina que, para fazer parte do conjunto dos “homens de verdade”, é preciso excluir e rebaixar continuamente

os que não rezam pela cartilha da norma fálica. Essa lógica cria um problema, já que todos vão tentar se fazer mais machos empurrando os demais para fora desse conjunto. É por isso que a rivalidade, a violência e a paranoia estão no coração do machismo estrutural. O macho é paranoico porque, como pensa que detém privilégios, vive com medo de perdê-los para outro homem. Não é fácil sustentar a equivalência entre pênis e falo (imaginário).

Como não há uma essência masculina, a suposta posse do falo cria uma condição absolutamente instável. Imaginemos, por exemplo, o pai de família provedor. Ele chega em casa depois do trabalho e pega uma cerveja para relaxar. A esposa conta que foi promovida e agora ganha mais do que ele. Basta isso para que sinta que perdeu as preciosas credenciais fálicas, que agora pertencem à esposa. Pode ser o suficiente para prejudicar sua performance na cama. O desastre está a caminho: como acredita na equivalência entre pênis e falo, a brochada é fatal, e agora ele se vê como *menos homem*.

O imperativo simbólico de se afastar de tudo o que entende como feminização gera situações tragicômicas. O macho está passando mal, mas não vai ao médico porque é sinal de fraqueza e vulnerabilidade; não sabe o caminho, mas não vai perguntar porque não pode mostrar sua ignorância. Édouard Louis conta que, na sua cidade, os adolescentes tinham que se recusar a frequentar a escola, pois estudar era visto como pouco viril. Ler um livro era coisa de gay. Em termos de trabalho, o que sobrava para aqueles machos era a fábrica, que consumia seus corpos até a morte prematura. Não é à toa que os homens vivem menos que as mulheres.

Aqui no Brasil, pudemos ver que “macho que é macho” deve sustentar valores ditos masculinos: “imbrochável”, orgulhosamente anticiência (coisa de nerd), corajosamente antivacina (coisa de maricas) e terraplanista. Esse tipo de discurso mobiliza homens que precisam garantir sua masculinidade identificando-se com o imaginário da virilidade perdida. *Make America great again*.

Como vemos, o machismo estrutural é limitante inclusive nas possibilidades de gozo dos homens. E produz também o que Vinícius Lima chama de “embrutecimento fálico” (2024, pp. 55 e 290).

### ○ embrutecimento fálico

A recusa absoluta do feminino produz um embrutecimento fálico, como vemos em outra cena de *O desabamento* (Louis, 2025):

Meu irmão entrou em casa e contou, animado, que vai trabalhar com um grupo que faz a renovação de prédios históricos, como castelos, catedrais e monumentos.

Teria que passar por uma seleção rigorosa, mas tem grandes chances porque seu perfil corresponde exatamente ao que dizia no site. Meu pai objetou que seria melhor ele se formar na escola, mas meu irmão respondeu que já estava inscrito: a mãe do amigo já tinha preenchido os formulários. Nesse ponto, o pai surtou e começou a berrar.

– O QUE VOCÊ DISSE?!

– A mãe do Pierre, pedi para ela me ajudar, e ela preencheu para mim.

– VOCÊ NÃO TEM MÃE? NÃO TEM FAMÍLIA? Por que não pediu para a tua mãe te ajudar? Tá chamando a gente de ignorante, de burros, ou o quê?

Era uma acusação totalmente injusta, pois era óbvio que ninguém na nossa casa o ajudaria. O pai não parava de berrar. Dizia que por causa dele toda a cidadezinha teria uma péssima imagem da nossa família, que ele estava “nos insultando e nos fazendo passar por imbecis”.

Édouard Louis mostra como o machismo pode destruir a vida de muitos homens. E isso porque, como vimos, ele *impossibilita* tudo aquilo que depende da aceitação do que, nesse imaginário, é visto como feminino/castrado. Impossibilita a construção de uma rede afetiva que sustente o homem quando as coisas não vão bem; o prazer de aprender, a cultura e a conexão emocional com a família; o contato com sua própria vida afetiva, pois faltam palavras para falar disso; e mesmo no plano sexual impossibilita certos tipos de gozo vistos como femininos.

No entanto, o escritor reconhece que, quando a sociedade lhe tira tudo,

a masculinidade é a única riqueza do pobre. ... Meu irmão não tinha mais nada além de sua masculinidade: sem diploma, sem cultura, sem dinheiro, sem trabalho, sem horizontes, e sendo humilhado pelo pai. A violência era tudo o que ele tinha.

É o que afirma também Susana Muszkat: “A valorização do masculino agrega valor simbólico importante [a esses homens], uma vez que, quanto menos capital simbólico tiverem no âmbito social, maior será o apego a este outro capital” (2006, p. 32).

Em uma entrevista veiculada no YouTube (Mediapart, 2025), o escritor inclui entre os “pobres” aqueles que, mesmo sendo bilionários, são “pobres de espírito”. A miséria simbólica torna alguns homens totalmente dependentes do repertório e do lugar social dados pelo patriarcado. É por isso que alguns homens se tornam uma caricatura.

## Sexualidades dissidentes

### O declínio do patriarcado

Na primeira parte deste texto, procurei mostrar quais são os pressupostos inconscientes que determinam e sustentam o campo da masculinidade hegemônica, bem como sua relação com o patriarcado. O que teria acontecido para que essa instituição, que parecia eterna, entrasse em crise na civilização ocidental?

Vimos no item “O patriarcado e suas significações operantes” que as instituições são construções sociais históricas e, nesse sentido, contingentes e mutáveis (Castoriadis, 1982). Uma instituição entra em crise – isto é, deixa de ser vista/aceita como natural e evidente – quando suas bases simbólicas começam a perder legitimidade. Esse processo acontece à medida que e na medida em que a sociedade se abre à criação de novas significações. Como exemplos de instituições que desapareceram, ao menos oficialmente, Castoriadis aponta a escravidão e a monarquia absolutista. A primeira se legitimava pela equivalência imaginária “pele negra = animal vocal”. A segunda, pela conjunção “rei = representante de Deus”. A disjunção entre significante e significado corroeu tais bases simbólicas.

Tudo indica que um processo análogo esteja acontecendo com o patriarcado. O valor do pênis, ou o pênis enquanto valor, mudou – pelo menos em parte da sociedade. Como veremos, sua sustentação simbólica – a equivalência imaginária entre “pênis = mais valor” – vem perdendo legitimidade. Enfraquecido, o patriarcado já não tem – pelo menos não da mesma forma que antes – o poder de patologizar, excluir e/ou rebaixar os que não aderem à norma fálica (branca). Seu declínio tornou possível às sexualidades dissidentes reivindicarem reconhecimento, legitimidade e direitos políticos.

A História mostra que a agonia e morte de uma instituição nunca é um processo linear e pacífico, pois envolve disputas sangrentas e resistências. Estamos testemunhando o conflito que opõe os que tentam preservar a visão de mundo patriarcal e os que celebram as novas possibilidades vitais que se abrem graças a seu declínio.

### A visibilidade das sexualidades dissidentes e seus efeitos

Como sabemos, uma característica sempre presente na dinâmica dos grupos é que, para se afirmar como superior, um grupo precisa designar outro como inferior. No caso do patriarcado, o grupo designado como inferior foi a multidão dos que não rezavam pela cartilha da masculinidade hegemônica

branca. Rebaixados e excluídos, ficaram trancados no que ousou chamar de Grande Armário da História.

Lentamente, os movimentos feministas, antirracistas e LGBTQIA+ propiciaram o que pode ser denominado de *saída coletiva do Grande Armário da História*.<sup>6</sup> Esse acontecimento teve (e continua tendo) um efeito disruptivo em relação ao campo da masculinidade hegemônica – efeito esse equivalente, como pretendo demonstrar, a um longo processo analítico. O fato é que, aos poucos, um novo olhar sobre essa diversidade vai se tornando possível.

Para esclarecer essa ideia, retomo brevemente o modo de operar do método psicanalítico, que, segundo Herrmann (1979/1991), vale tanto para o sujeito individual quanto para o sujeito social. O autor nomeia essa operação metodológica de *ruptura de campo*.

Considerando, inicialmente, o sujeito individual, a interpretação age desestabilizando as crenças e as certezas que determinam a repetição sintomática do analisando. Certos significantes recolhidos das margens de seu discurso abrem brechas no sistema defensivo. Essa ideia é importante porque vale também para o sujeito social: sempre que um elemento marginal ao sistema é trazido para seu centro identitário, ele produz, necessariamente, um efeito disruptivo. Ao longo de uma análise, a repetição desse processo acaba por revelar elementos que pertencem ao sujeito, mas que estavam excluídos (recalcados) de seu centro identitário. A integração de aspectos até então relegados ao inconsciente amplia suas possibilidades vitais.

Considerada como sujeito social, a masculinidade hegemônica também se apoia sobre um rígido sistema defensivo: para afirmar e preservar seu centro identitário, precisa relegar às margens (excluir, recalcar) os corpos dissidentes. Ao longo de séculos, o próprio fato de as mulheres e os corpos dissidentes *aceitarem a exclusão* – as primeiras, ficando em casa, e os segundos, “no armário” – confirmava a norma patriarcal, reforçando o sistema defensivo. Embora uma ou outra mulher (um ou outro sujeito pertencente a outra categoria excluída) tenha conseguido desafiar o patriarcado, isso não é suficiente para promover o efeito disruptivo de que estamos falando. É preciso que o gesto seja coletivo.

Julia Kristeva (1980) propôs a expressão *corpos abjetos* para designar os corpos rejeitados, expulsos ou marginalizados pela sociedade porque não se conformam às normas de gênero e sexualidade. Na mesma linha, em *Corpos que importam* (2019), Butler mostra como certos corpos se tornam abjetos quando são vividos como um retorno do recalcado social. Preciado (2000/2022) sustenta que os corpos que não abraçam a heteronormatividade denunciam sua arbitrariedade, pois revelam que ela não é um dado biológico,

6 Paráfrase do belo título do livro de Augusto M. Paim e Ignácio A. Paim Filho, *Racismo e psicanálise: a saída da grande noite* (2023).

mas uma construção imaginária. A multidão de corpos dissidentes é ameaçadora porque materializa tudo o que a norma precisa negar para se afirmar. Perturba a suposta norma fálica ao denunciar, por sua própria existência, que não há uma norma.

Dessa perspectiva, se a interpretação psicanalítica é disruptiva porque desorganiza uma certeza inconsciente, a visibilidade dos corpos dissidentes produz um efeito análogo no campo da masculinidade hegemônica. A saída do Grande Armário da História promoveu, e continua promovendo, a progressiva disjunção entre o significante pênis (branco) e o significado “mais valor” que sustentava o patriarcado. A norma fálica se fragiliza.

Assim como em uma análise, o processo é lento, mas uma vez acontecido, não é mais possível “desver”. A ruptura do campo da masculinidade hegemônica revela uma verdade: o rei está nu. O pênis não é o falo, e a castração é para todos. O homem-rei, que durante séculos se esforçou para esconder sua nudez atrás de mantos e coroas, já não impressiona. Não é mais possível ver a heteronormatividade como modelo e medida de todas as coisas.

Se o falocentrismo não é a norma, então tudo é possível? Herrmann (1979/1991) propõe o nome de *vórtice* ao tumulto das representações de gênero e sexualidade que retornam da periferia à qual tinham sido relegadas e ficam disponíveis como novos possíveis. Em outros termos, o desvelamento do “segredo simbólico” (inconsciente) que sustentava o patriarcado precipita (no sentido químico) e torna possíveis diferentes formas de expressão da experiência subjetiva de gênero e sexualidade.

Isso, contudo, não significa o fim do patriarcado. Significa, apenas, que não é mais possível sustentar que a sexualidade hétero é a *única* legítima. A sexualidade humana é diversa, e outras formas de gozo têm direito de cidadania. Alguns viverão esse processo como perda das referências que sustentavam sua identidade, caso em que o desamparo identitário (Muszkat, 2006) pode produzir resistências ferozes. Para outros, no entanto, o declínio do patriarcado será vivido como alívio da condição de exclusão, e como liberdade para ser o que são.

Saindo do plano sociocultural e indo para o da clínica, nossa escuta se dirige sempre à singularidade e ao sofrimento psíquico de quem nos procura. Por isso, não vamos patologizar o que Julia Kristeva chamou de corpos abjetos, nem aderir a discursos ideológicos que celebram as dissidências. Ambas as posições dificultam a escuta analítica.

Vale lembrar que a ruptura do campo da masculinidade hegemônica, com a relativização das representações do que é “ser homem”, pode trazer transformações bem-vindas no modo pelo qual os homens se constroem como homens. Nesse sentido, estou de acordo com Vinícius Lima: não se trata exatamente de “desconstruir o macho”, mas de ajudá-lo a fazer a “travessia da

fantasia de virilidade”, o que o tornaria apto a se reconhecer capturado pelo “engodo viril” (2024, pp. 48-61).

E se...?

*Durante essa noite, a solda que atribuía ao pênis o valor de falo derreteu. O patriarcado morreu enquanto estávamos dormindo. Quando o sol nasceu, uma nova ordem simbólica foi instituída. Curiosamente, agora o cabelo ruivo tem valor fálico. Perplexos, descobrimos que homens e mulheres ruivos acordaram empoderados. Passaram a se ver e a serem vistos como valendo mais do que os demais.*

*Já nas primeiras horas da manhã, nós, psicanalistas aqui reunidos, suspeitamos que o próprio conceito de falo, tão central à nossa disciplina, se tornou anacrônico. Uma colega descobre que, em latim, ruivo se diz rufus e propõe o termo rufuscêntrica para designar essa nova cultura.*

*Atônitos, observamos que o desejo mudou de direção e agora se dirige à ruividade. Olhando pela janela, vemos uma fila de pessoas loiras, castanhas e até grisalhas na porta da loja que vende tintura ruiva. Mas todos sabem que de nada adianta tingir os cabelos, porque em uma semana ele cresce e a cor da raiz mostra a verdade. Jovens ruivos e ruivas se tornam o padrão de beleza e passam a ser desejados sexualmente. Seu pior pesadelo é ficarem carecas. Homens e mulheres se angustiam quando cai um fio de cabelo ruivo precioso. Ruivas e ruivos se elitizam e ostentam privilégios. Os demais cabelos se deprimem ou se revoltam.*

*Corta. Salto no tempo: passaram-se 50 anos.*

*Olhamos para trás e constatamos que as empresas mais importantes foram (e continuam sendo) dirigidas por ruivos e ruivas. Ruivas e ruivos fizeram as principais descobertas científicas. Os grandes pensadores, artistas e a maior parte dos governantes foram homens e mulheres ruivas. Um historiador escreveu um tratado sobre as guerras deflagradas pela rivalidade entre ruivos crespos e lisos, cada qual pleiteando a verdadeira ruividade. Cientistas provaram que o genoma do cabelo ruivo está associado a maior inteligência. Aliás, qualquer aplicativo de inteligência artificial produzirá uma lista de trabalhos acadêmicos sobre esse tema publicados nos últimos 50 anos. Com tantas evidências, o senso comum se convenceu da superioridade dos ruivos, lamentando que nada se possa fazer contra a genética.*

*Nós, psicanalistas, percebemos que a situação é desafiadora. Não vamos negar as diferenças entre ruivos e não ruivos. Não vamos negar os privilégios de que desfrutam os ruivos. Mas não vamos compartilhar a crença de que ruivos são melhores, ou valem mais, do que não ruivos. Pois sabemos que é essa crença que mantém os não ruivos no armário.*

Essa pequena provocação mostra que não podemos escapar da estrutura da linguagem (Derrida, 1967/2011). Como vimos, é ela, a linguagem, que cria pares de opostos, com valorização de um termo em detrimento do outro. Por isso, não faz sentido culpar os ruivos e as ruivas por terem se tornado hegemônicos. Embora desfrutem de privilégios, não fizeram um complô contra os loiros e castanhos. Como diz o antropólogo Michel Alcoforado (2025), “é tudo culpa da cultura”.

Repito: ninguém tem culpa se, na nossa cultura, a oposição “ter/não ter” determina diferenças, lugares sociais e subjetividades; ninguém tem culpa se o grupo que “tem” – pênis, cabelo ruivo etc. – se vê e é visto como valendo mais do que o grupo que “não tem”. Mas atenção: isso não deve, de modo algum, *naturalizar* os privilégios de uns em relação aos outros. E muito menos justificar a *opressão* de um grupo pelo outro.

A linguagem opera produzindo diferenças. Já a psicanálise opera denunciando seus efeitos na constituição do sujeito individual e social.

### De la masculinidad hegemónica a las sexualidades disidentes

Resumen: La autora busca comprender, desde un punto de vista psicoanalítico, las transformaciones socioculturales que llevaron al declive del patriarcado y al surgimiento de sexualidades disidentes. En la primera parte del texto aborda el proceso de subjetivación masculina marcado por la norma falocéntrica. El tema se trata a partir de la fantasía de la virilidad, el patriarcado, el machismo estructural y el embrutecimiento fálico. Los impasses de la condición masculina se ilustran con la autoficción de Édouard Louis. En la segunda parte, la autora desarrolla la hipótesis de que los movimientos feministas, antirracistas y LGBTQIA+ produjeron un efecto disruptivo/analítico en relación con el campo de la masculinidad hegemónica gracias a la visibilidad de los cuerpos disidentes. La salida colectiva de lo que ella denomina El Gran Armario de la Historia desestabilizó los supuestos simbólicos que sustentaban el patriarcado, revelando la arbitrariedad de la norma heterosexual. Formas de goce hasta entonces proscritas y relegadas a la periferia del sistema regresan, en un torbellino, como representaciones posibles, generando “el tumulto de las diferencias”.

Palabras clave: masculinidad hegemónica, patriarcado, machismo estructural, visibilidad de los cuerpos disidentes, sexualidades disidentes

### From hegemonic masculinity to dissident sexualities

Abstract: The author seeks to understand, from a psychoanalytical point of view, the socio-cultural transformations that led to the decline of patriarchy and the emergence of dissident sexualities. The first part of the text addresses the process

of male subjectivation guided by the phallogentric norm. The theme is treated from the perspective of the fantasy of virility, patriarchy, structural sexism, and phallic brutalisation. The impasses of the male condition are illustrated with Édouard Louis' autofiction. In the second part, the author develops the hypothesis that feminist, anti-racist, and LGBTQIA+ movements have produced a disruptive/analytical effect on the field of hegemonic masculinity thanks to the visibility of dissident bodies. The collective departure from what she calls The Great Closet of History destabilised the symbolic assumptions that underpinned patriarchy, revealing the arbitrariness of the heterosexual norm. Forms of sexuality, previously proscribed and relegated to the periphery of the system, return in a vortex as possible representations, generating "the turmoil of differences".

Keywords: hegemonic masculinity, patriarchy, structural sexism, visibility of dissident bodies, dissident sexualities

### De la masculinité hégémonique aux sexualités dissidentes

Résumé : L'autrice cherche à comprendre, d'un point de vue psychanalytique, les transformations socioculturelles qui ont conduit au déclin du patriarcat et à l'émergence de sexualités dissidentes. Dans la première partie du texte, elle aborde le processus de subjectivation masculine guidé par la norme phallogentric. Le thème est traité à partir du fantasme de virilité, du patriarcat, du machisme structurel et de l'abrutissement phallogentric. Les impasses de la condition masculine sont illustrées par l'autofiction d'Édouard Louis. Dans la deuxième partie, l'autrice développe l'hypothèse selon laquelle les mouvements féministes, antiracistes et LGBTQIA+ ont produit un effet disruptif/analytique sur le champ de la masculinité hégémonique grâce à la visibilité des corps dissidents. La sortie collective de ce qu'elle appelle Le Grand Placard de l'Histoire a déstabilisé les présupposés symboliques qui soutenaient le patriarcat, révélant l'arbitraire de la norme hétérosexuelle. Des formes de jouissance jusqu'alors prosrites et reléguées à la périphérie du système reviennent en tourbillon, comme des représentations possibles, générant « le tumulte des différences ».

Mots-clés : masculinité hégémonique, patriarcat, machisme structurel, visibilité des corps dissidents, sexualités dissidentes

### Referências

- Alcoforado, M. (Apresentador). (2025). *É tudo culpa da cultura* [Podcast]. <https://tinyurl.com/muudvx3v>
- Ambra, P. (2015). *O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente*. Annablume.
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo* (S. Milliet, Trad., Vol. 2). Difel. (Trabalho original publicado em 1949)

- Butler, J. (2019). *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”* (N. Quintas, Trad.). N-1.
- Café Filosófico CPFL. (2025, 6 de abril). *Café Filosófico | Cartografias da masculinidade | 06/04/2025* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/FE9wv3p-fbU>
- Castoriadis, C. (1982). *A instituição imaginária da sociedade* (G. Renaud, Trad.). Paz e Terra.
- Connell, R. (1995). *Masculinities*. University of California.
- Derrida, J. (2011). *Gramatologia* (M. Chnaiderman & R. J. Ribeiro, Trad., 2. ed.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1967)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 11, pp. 13-244). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Herrmann, F. (1991). *Andaimos do real: o método da psicanálise*. Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1979)
- Jablonka, I. (2020). *O homem justo: do patriarcado às novas masculinidades*. Edusp.
- Kristeva, J. (1980). *Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection*. Seuil.
- Lima, V. (2022). Psicanálise e masculinidades. In H. Bento (Org.), *Entre (uns) nós: masculinidades e psicanálise* (pp. 18-49). Edição dos Autores.
- Lima, V. (2024). Homens e masculinidades na psicanálise. In V. Lima, *Homens em análise: travessias da virilidade* (pp. 23-62). Blucher.
- Louis, E. (2024). *Monique se liberta* (L. Facchini, Trad.). Todavia. <https://a.co/d/jiy2ObV>
- Louis, E. (2025). *O desabamento* (M. Scalzo, Trad.). Todavia. <https://a.co/d/fQAYVk3>
- Marcia Tiburi | Filosofia em Comum. (2023, 5 de junho). *O que é o patriarcado (ou o machismo)* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/gxBDyWYfZIG>
- Mediapart. (2025, 16 de janeiro). *Édouard Louis: “La domination masculine empêche et détruit”*. YouTube. <https://youtu.be/I-kzzm8h0G8>
- Muszkat, S. (2006). *Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero* [Dissertação de mestrado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. <https://tinyurl.com/yuypsf4e>
- Paim, A. M. & Paim Filho, I. A. (2023). *Racismo e psicanálise: a saída da grande noite*. Artes e Ecos.
- Preciado, P. B. (2022). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual* (M. P. G. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)

Recebido em 26/4/2025, aceito em 8/10/2025

Marion Minerbo  
marionminerbo@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n4.07